

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)

28 mar 2017 | O Globo | EGBERTO GASPAR DE MOURA E KENNETH CAMARGO

Qualidade é resposta à crise na Uerj

Encarar a promoção na carreira universitária como gasto, e não como investimento, é um erro primário, quando se tem por objetivo melhorar o ensino

Em tempos de crise financeira, costumase medir tudo por parâmetros meramente monetários. Isto é uma visão estreita, que acaba agravando crises, em vez de solucioná-las. Um exemplo desse tipo de raciocínio equivocado foi o artigo do desembargador e professor da Uerj Marcus Abraham, publicado no GLOBO, em relação à carreira acadêmica, em especial ao acesso ao cargo de professor titular, talvez como reflexo do seu pouco tempo na instituição.

Encarar a promoção na carreira universitária como gasto, e não como investimento, é um erro primário, quando se tem por objetivo melhorar a qualidade do ensino, a abrangência de quem se beneficia dele, o desenvolvimento científico e tecnológico, a inovação e os serviços prestados à comunidade.

A carreira universitária é árdua e depende de uma série de etapas de formação a serem cumpridas. Quem se dedica a ela tem que fazer, além do curso superior, mestrado, doutorado, alguns anos de pós-doutoramento e, só depois disso, consegue disputar concursos cada vez mais concorridos, nas poucas universidades públicas, onde se concentra grande parte da atividade de pesquisa desenvolvida no país.

O recém-contratado tem como porta de entrada a posição de professor adjunto, a qual exige, no mínimo, o título de doutor, já que só em condições excepcionais concursos são abertos em instituições públicas na categoria de professor assistente. Como adjunto, o professor pode galgar mais uma categoria em sua carreira, através de avaliação interna, que é a de professor associado. O ápice da carreira, professor titular, tem duas formas de acesso: 1 — Através de concurso público; 2 — através de promoção interna de associado para titular.

As duas formas exigem uma avaliação da carreira acadêmica por banca constituída de cinco professores titulares, a maioria deles de fora da instituição do candidato. Não existe, portanto, "ascensão automática". Além disso, esse processo já vem acontecendo nas universidades federais e, recentemente, a Uerj conseguiu a aprovação, pela Alerj, da Lei nº 7.423, de 24 de agosto de 2016, que instaura a promoção.

A Uerj apresenta um número muito pequeno de professores titulares (2,5% do total de docentes), o que, além de desincentivo ao profissional, reflete negativamente na avaliação externa da universidade — a qual tem galgado, apesar de toda a crise econômica do estado, posição de destaque em avaliações no Brasil e no exterior.

É óbvio que o dispêndio adicional na promoção é menor do que a criação de uma nova vaga, pois a diferença salarial entre o professor associado e o titular é de apenas 10% no salário bruto. E apenas uma fração reduzida do corpo docente da universidade estará habilitada a pleitear a promoção a titular. Por outro lado, sem essa possibilidade, a aposentadoria precoce de uma parte dos docentes impactará ainda mais os cofres do Rio Previdência. Egberto Gaspar de Moura é sub-reitor de pós-graduação e pesquisa da Uerj, e Kenneth Camargo é diretor de pesquisa da Uerj

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)